

JORNAL: DIÁRIO DE NOTÍCIA LOCAL: GUANABARA

DATA: 18 / 9 / 1968 AUTOR: FREDERICO MORAIS

TÍTULO: IVAN SERPA: PIONEIRISMO E RENOVACÃO

ASSUNTO: IVAN: PIONEIRISMO E RENOVACÃO DIZ FREDERICO DE MORAIS - BONINO

artes plásticas

D.N. 18-9-68

FREDERICO MORAIS

IVAN SERPA: PIONEIRISMO E RENOVACÃO

MAIS uma vez Ivan Serpa convence. Ao seu público, que lotou a Galeria Bonino no vernissage de sua exposição, terça-feira última, e à crítica, que há cerca de 15 anos acompanha sua produção ininterrupta e coerente. Ivan Serpa confirma o caráter construtivo (e freqüentemente pioneiro) de sua obra e a mestria inigualável de seu artesanato.

No número 6 da revista GAM (maio de 67), publiquei um longo artigo meu sobre Ivan Serpa, o qual lido agora, pareceu-me bastante elucidativo da «fase» atual do artista, fase que denomina de amazônica. E mais, vi no artigo e na apresentação de Hélio Pellegrino grande concordância de pontos de vista. É por isso que antes de comentar a importante mostra que realiza na Bonino, decidi transcrever alguns trechos do artigo, mesmo porque incluem afirmações do próprio artista.

CONSTRUÇÃO

«Entre a crise e a construção, Ivan Serpa optou por esta última. Ao invés da eternização do caos, no lugar de revelar, sempre, a dor do homem em suas desesperanças, preferiu refleti-lo nas suas melhores possibilidades e perspectivas. Ivan Serpa sempre acreditou que a arte é uma espécie de

«coordenação do mundo», criação de novas realidades. Num país e/ou continente onde tudo está por fazer, por construir, por concretar, a arte realista não é apenas aquela que narra, figurativamente, as realidades prosaicas do dia-a-dia, tampouco o agudo existir do homem e da sociedade que o contorna».

«Em poucos artistas brasileiros da atualidade, encontramos esta adequação perfeita entre a técnica, a forma e a significação. Raramente encontramos este entendimento num sentido tão claramente construtivo. É por isso que, contrariamente ao que muitos disseram, críticos e apresentadores, Serpa pode afirmar, com toda tranquilidade, que nunca fui informal. «Mesmo quando usei manchas — salienta — não me considerava um informal. As manchas participavam de um esquema, revelavam uma intenção construtiva».

«Mas no outro extremo, pode-se também dizer que o «construtivismo» de Serpa não é dogmático, nem frio ou ortodoxo. Mais uma vez, e com a mesma tranquilidade, desconcerta seus críticos, quando diz: «Faço um construtivismo segundo uma lógica minha, com espaços numéricos que resultam de uma ordem pessoal. A surpresa deve existir na obra de arte. Caso contrário, não teríamos a obra

de arte, mas rígidos e frios teoremas matemáticos, o virtuosismo da técnica pela técnica». Como Albers, aceita o acaso e a surpresa. Mas um acaso controlado, uma surpresa cogitada. Suas linhas se sucedem ora num sentido vertical, em horizontal, crescem ou decrescem, sempre dentro de um ritmo próprio, cristalino, que não exclui a poesia, a imaginação, a liberdade. A poesia de Serpa é esta poesia científica, poesia de uma época dominada pela tecnologia».

PIONEIRISMO E RENOVACÃO

«Quem já teve oportunidade de acompanhar, de um só lance, fase por fase, seu trabalho, pôde constatar, na sua obra, uma vontade de estilo, uma coerência construtora. Mais do que isso. Pôde sentir como alguns trabalhos feitos há cerca de 10 anos são surpreendentes pela contemporaneidade e atualidade dos problemas, verdadeiras antecipações da arte ótica atual».

«Alguns críticos mencionaram na obra de Serpa um fenômeno de periodização. (...). Contudo, em Serpa, esta periodização ao invés de negar, afirma a unidade de sua obra, mostra precisamente sua coerência. Uma coerência dialética, aberta, capaz de uma constante renovação e atualização».